



PENDERECKI, R. STRAUSS, SHOSTAKOVITCH

Orquestra Gulbenkian, Lintu (d)

Gulbenkian, Lisboa, dia 12

À partida, o programa, integrado no ciclo “Guerra ou Paz”, era aliciente: a conjugação de duas peças para cordas — o “Treno à memória das vítimas de Hiroxima”, de Krzysztof Penderecki, e as “Metamorfoses” de Richard Strauss — com a “7ª Sinfonia” de Dmitri Shostakovitch (cujos três primeiros andamentos foram compostos em Leninegrado, durante o terrível cerco nazi à cidade em 1941 em que morreram mais de 600 mil pessoas). Mesmo a obra de Strauss, composta aos 80 anos, é um *in memoriam* de carácter fúnebre. Dificílimo sob todos os pontos de vista, do equilíbrio harmónico das cordas às fanfarras dos metais, o programa também submetia a dura prova a orquestra da casa. Celebre-se o exaltante resultado, em grande parte devido ao trabalho do maestro, Hannu Lintu, na sua segunda apresentação na Gulbenkian. Deseja-se que volte depressa e muitas vezes! Nos 8’ 37” (o título original da obra) da trenodia ou lamento fúnebre sobre a tragédia de Hiroxima, Penderecki usa todas as potencialidades dos instrumentos de corda, até como caixas de percussão, para exprimir o indizível; não há palavras, mas há sons eloquentes. Lembro-me que ouvi a obra pela primeira vez neste mesmo auditório em 1970, tocada pela Orquestra de Filadélfia sob a direcção de Eugene Ormandy, no derradeiro Festival Gulbenkian de Música! Escrita para uma formação orquestral gigantesca, incluindo meia dúzia de trombones e tuba, permeada pelos ecos das marchas e ritmos guerreiros, a Sinfonia “Leninegrado” de Shostakovitch presta-se a uma realização galvanizante. Para mais, fora precedida pela exibição do filme de Tim Kirby, “A Orquestra que Desafiou Hitler” (2016). No que respeita à guerra e à música, não há exemplo mais direto e sincero da relação causa-efeito. O público, que quase enchia o auditório, retribuiu com uma ovação apoteótica! / **JORGE CALADO**